LEDA CATUNDA E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O AMBIENTE ESCOLAR

DAYANA ROCHA PAES

RESUMO

A arte Contemporânea é um reflexo da sociedade, com suas preocupações, satisfações, anseios e sentimentos e, por isso, seu uso em sala de aula é constante alvo de debate. E como ela vem evoluindo no mundo todo, a escola precisa de adaptar a esta realidade. É uma boa opção de trabalhá-la em sala de aula é apresentar produções de artistas contemporâneos, como Leda Catunda, uma artista considerada como um dos maiores talentos artísticos da atualidade e que reinventou tudo que tocou com seu estilo único e inconfundível. Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar a contribuição de Leda Catunda para o cenário da arte no Brasil e, a partir daí, desenvolver um projeto de curso para o Ensino Fundamental, permitindo uma reflexão sobre o ensino de arte na atualidade e incentivando a realização de práticas de ensino sobre uma arte inteiramente vinculada à vida, ao cotidiano, que reflete o que estamos vivenciando: a arte contemporânea. A Arte Contemporânea pode ser uma ponte que ajuda o educador a levar o aluno do concreto ao abstrato. E, no contexto da arte contemporânea, Leda Catunda é uma personagem essencial, uma referência.

Palavras-Chave: Leda Catunda, Arte Contemporânea, Ensino Fundamental.

ABSTRACT

Contemporary art is a reflection of society, with its concerns, satisfactions, anxieties and feelings and, therefore, its use in the classroom is a constant subject of debate. And as it has been evolving all over the world, the school needs to adapt to this reality. And a good option to work it in the classroom is to present productions by contemporary artists, such as Leda Catunda, an artist considered as one of the greatest artistic talents of today and who reinvented everything she touched with her unique and unmistakable style. In this sense, the present work aims to analyze the contribution of Leda Catunda to the art scene in Brazil and, from there, to develop a course project for Elementary School, allowing a reflection on the teaching of art today and encouraging the realization of teaching practices on an art entirely linked to life, to everyday life, which reflects what we are experiencing: contemporary art. Contemporary Art can be a bridge that helps the educator to take the student from the concrete to the abstract. And, in the context of contemporary art, Leda Catunda is an essential character, a reference.

Keywords: Leda Catunda, Contemporary Art, Elementary School.

INTRODUÇÃO

Leda Catunda, assim que surgiu, no ano de 1983, pintando sobre toalhas e lençóis estampados com figuras infantis, foi percebida de imediato.

De acordo com Alzugaray (2012), um dos principais críticos de arte da época, Olívio Tavares de Araújo, escreveu na revista Isto é, que Leda estava entre os mais "articulados e brilhantes" artistas que participavam da mostra "A pintura como meio", no Museu de Arte Contemporânea (MAC USP).

Já o crítico e professor de história da arte Tadeu Chiarelli, ex-curador do MAM, até escreveu um livro, “Leda Catunda”, publicado em 1998, a respeito da artista, no qual prevê: "Leda não se tornará apenas uma das artistas mais reconhecidas de sua geração pelo seu talento, mas, igualmente, pela persona que a mídia criou para ela" (ALZUGARAY, 2012, p. 03). O livro fez justiça ao peso e relevância da obra desta artista paulistana nascida em 1961 que, hoje, desponta como uma das principais artistas da arte contemporânea brasileira.

Catunda faz parte do grupo de artistas que lançou a arte Contemporânea no Brasil, no início dos anos 80. Trata-se de uma das mais inquietas artistas da conhecida "Geração 80", que busca, de modo contínuo, novas formas de representação, criando um diálogo produtivo entre a pintura, o desenho, a escultura e a mídia impressa (MOREIRA, 2013).

Segundo Alzugaray (2012), o modo como Catunda empregava tinta acrílica sobre tapetes, almofadas, cobertores e toda a vasta relação de tecidos domésticos foi decisivo para a sedução da mídia por sua obra. Era irresistível, fascinante e surpreendente a forma como ela reinventava o conceito de "pintura figurativa", sem exatamente pintar figuras, mas fazendo uso de padrões de estampas industriais que encontrava nos tecidos adequados. Quando utilizou como tela um quebra-cabeça com a reprodução de um célebre quadro de Rembrandt, "Ronda Noturna", Catunda fez alusão à banalização da imagem e anunciou sua ligação com a arte conceitual e pop crítica de seu ex-professor de faculdade, Nelson Leirner.

Assim sendo, a obra de Leda Catunda critica a banalização das imagens em nossa sociedade, ao mesmo tempo em que supõe um estímulo provocativo no olhar do espectador. Além do mais, sua produção desperta curiosidade e desejo de tocar para sentir as

diversas combinações de texturas empregadas. Catunda comprova que a pintura procura inovar nas artes plásticas, à medida que, se revela uma ferramenta eficaz de questionamento sobre a forma e acerca da percepção do mundo.

A Arte Contemporânea ganha cada vez mais importância no panorama mundial. Assim, não se pode menosprezá-la, mas sim trabalhar com ela em sala de aula, ampliando os horizontes dos educandos. Neste sentido, torna-se essencial conhecer Leda Catunda para compreender a arte contemporânea do Brasil, pois ela reconcebeu, com seu estilo único e inconfundível, tudo o que tocou.

Atualmente, suas formas arredondadas incluem impressões de fotos sobre voile como um meio a mais de utilização de imagem nas pinturas. Diz Leda:

Neste sentido, torna-se essencial conhecer Leda Catunda para compreender a arte contemporânea do Brasil, pois ela reconcebeu, com seu estilo único e inconfundível, tudo o que tocou..

Diante do exposto até aqui, o trabalho proposto almeja colaborar para um maior reconhecimento no futuro da obra desta importante artista plástica brasileira, por parte do público em geral, mas, sobretudo, pelos estudantes e profissionais das Artes Visuais, haja vista a relevância de Leda Catunda para o cenário artístico do país.

ARTE CONTEMPORÂNEA

De uma forma geral, Arte Contemporânea corresponde ao período artístico que despontou na segunda metade do século XX e se estende até a atualidade, reunindo uma notável diversidade de estilos, movimentos e técnicas.

No entanto, conforme afirma Archer (2005), o termo arte contemporânea não abrange tudo o que é produzido na atualidade, mas sim tudo aquilo que sugere um pensamento acerca da própria arte ou uma análise crítica da teoria visual. Como mecanismo de pensamento, a arte questiona e confere novos significados ao se apropriar de imagens, não apenas as que participam da história da arte, mas também as que fazem parte do cotidiano. O belo contemporâneo não procura mais o novo, nem o susto, como as vanguardas da primeira metade do século XX: sugere o estranhamento ou o questionamento da linguagem e sua leitura.

De modo geral, o artista de vanguarda possuía a necessidade de provar técnicas e metodologias, com a finalidade de produzir novidades e se situar na dianteira do progresso tecnológico. Ou seja, a arte comtemporânea não é mais constituída pelo novo e o original, como acontecia no Modernismo e nos movimentos de vanguarda. O artista contemporâneo tem outra mentalidade, a marca de sua arte não é mais a novidade moderna, e até a experimentação de técnicas e ferramentas novas objetiva o desenvolvimento de outros significados. A arte contemporânea tem como característica principal a liberdade de ação do artista, que não mais possui compromissos institucionais que o restringem. O artista reprocessa linguagens, superfície e sua poética. Há uma rica gama de imagens à sua disposição como ferramenta de trabalho. Assim, a arte passou a ocupar o espaço da invenção e da crítica de si mesmo.

Em função de tanta diversidade, é difícil definir a arte contemporânea. O próprio conceito de Arte Contemporânea ainda está sendo ajustado. Entretanto, há no mundo todo um

sistema das artes que usa o termo "Arte Contemporânea" para parte considerável da produção atual, e esta produção em Arte Contemporânea é o combustível fundamental para o funcionamento deste.

Dessa forma, a arte contemporânea é tão abrangente e complexa que fica difícil conceituá-la. Ela surgiu do questionamento e, como tal, não poderia deixar de ser polêmica.

Tanto que o desafio proposto pela Esfinge a Édipo, na obra de Homero (1997), "Decifra-me ou te devoro", parece caber bem a qualquer indivíduo que procure analisá-la.

Na visão de alguns teóricos, a característica mais notável da arte contemporânea é a tentativa de produzir pinturas e esculturas orientadas para si mesmas e, desse modo, diferenciar-se das manifestações de arte anteriores, que passavam mensagens políticas ou religiosas.

Segundo Dempsey (2002), essas situações classificadas como Arte Contemporânea, surgem com intensidade na história a partir dos anos 50 e 60, perdurando até os dias de hoje, em atividades artísticas isoladas, ou em movimentos como o Minimalismo, a Arte Pop, a Arte conceitual, ou novas categorias artísticas como as instalações, performances, vídeo arte, etc.

Na verdade, a arte do fim do século XIX precedeu muitas das características da arte contemporânea, incluindo a ideia da arte pela arte, o destaque na originalidade, a elevação da tecnologia moderna, a fascinação pelo primitivo e o compromisso com a arte popular.

Já com outro ponto de vista, existem aqueles que afirmam que a motivação básica da arte contemporânea é desenvolver um diálogo com a cultura popular. Entretanto, a arte contemporânea apresenta diversidade demais para se encaixar em qualquer uma de suas inúmeras definições. Cada teoria pode colaborar para solucionar uma parte do quebra-cabeça, mas nenhuma delas separadamente retrata a solução (DEMPSEY, 2002).

A ARTE CONTEMPORANEA NO BRASIL

A Arte Contemporânea no Brasil tem uma história tão extensa quanto á dos países culturalmente com supremacia. Dela fazem parte por volta de quatro gerações de artistas que aqui desenvolveram e atualmente fornecem sentido genealógico às gerações mais novas, servindo como referência. Não se pretende assim negar as inúmeras influências internacionais a que estamos naturalmente submetidos, mas salientar uma tradição interna cujo sentido singular encontra-se em nossa história da arte recente, fruto da apreensiva interseção do nacional com o global (COCCHIARALE, 2013).

Conforme Cocchiarale (2013), as primeiras manifestações da arte contemporânea brasileira aconteceram na década de 50, cujo cenário artístico prevalecia á arte figurativa, com Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Segall e Pancetti.

De acordo com Agostinetti e Cavalcanti (2013), os pioneiros da abstração brasileira foram Vicente do Rego Monteiro e Cícero Dias, porém, residiam em Paris. Dessa forma, no Brasil propriamente dito, os pioneiros da arte abstrata geométrica foram Arpard Szenes e Axl Leskoschek, nos idos dos anos 40; período em que algumas exposições como do norte-americano Alexander Calder no Masp, e do suíço Max Bill impulsionaram uma nova etapa da arte brasileira.

A primeira Bienal ocorrida no Brasil se deu no ano de 1951. Max Bill foi premiado com a obra Unidade Tripartida, o que incentivou a arte construtivista no país, fazendo despontar dois importantes grupos: o Grupo Ruptura (1951), em São Paulo, e o Grupo Frente (1954), no Rio de Janeiro (AGOSTINETTI & CAVALCANTI, 2013, p. 08).

O Grupo Ruptura agregou artistas como Waldemar Cordeiro, Hermelindo Fiaminghi, Judith Lausad, Mauricio Nogueira Lima, Lothar Charoux e Kasimir Fejer. Mas, foi Waldemar Cordeiro quem assumiu o comando do grupo, que no ano de 1952 lançou seu manifesto contra a pintura naturalista e o neofiguralivismo hedonista, "buscando a renovação dos valores fundamentais da arte visual, com uma obra de caráter geométrico, negando a intuição, alegando ser a arte um tipo especial de conhecimento" (AGOSTINETTI & CAVALCANTI, 2013, p. 09).

Já no Rio de Janeiro, a arte concreta não foi tão radical e concebeu o Grupo Frente, que embora fosse constituído de artistas abstrato-geométricos, eles valorizavam a liberdade de expressão e consentiam a entrada de artistas de todas as linguagens, desde que não possuíssem vínculos com as gerações passadas. No ano de 1959, formam o núcleo Grupo Neoconcreto (AGOSTINETTI & CAVALCANTI, 2013).

Lygia Clark e Hélio Oiticica colaboraram de forma intensa para o desenvolvimento da arte contemporânea no Brasil. Suas expressões indicavam a direção que a arte deveria seguir.

Lygia Clark combatia a moldura, substituindo o espaço tridimensional do quadro pelo espaço bidimensional. Sua obra Casulo (1959) – "chapas de metal dobradas que saem de plano do quadro, no entanto, ainda presas na parede, como telas" - já é uma prévia para os Bichos, que concebe em 1960, no qual se materializa a pintura fora da tela. "Os Bichos são sensoriais e precisam ser manipulados pelo espectador, inserindo, dessa forma, a participação do público na obra de arte" (AGOSTINETTI & CAVALCANTI, 2013, p. 10).

No início, Hélio Oiticica manteve-se fiel aos meios e suportes tradicionais da pintura até 1959. Porém, já nesses primeiros trabalhos notava-se a propensão à superação do plano bidimensional, através do uso da cor com claras intenções espaciais. Logo em seguida, renunciou ao quadro e adotou o relevo, criando seus Núcleos e Penetráveis, placas tridimensionais suspensas por fios que podiam ser manipulados pelo espectador (AGOSTINETTI & CAVALCANTI, 2013, p. 10).

Para Agostinetti e Cavalcanti (2013, p. 10), a trajetória da produção de Lygia Clark e

Helio Oiticica é "uma busca da ressensibilização dos sentidos", propiciando experiências estéticas e estésicas, desenvolvendo materiais, procurando vincular suas obras com o corpo humano, unindo arte e vida. Nesta perspectiva, o espectador passa a ser ativo e o artista alguém que propõe ideias.

As produções destes dois artistas neoconcretos contribuíram para o surgimento da arte conceitual no Brasil, que não mais utiliza objetos ou formas, mas sim ideias e conceitos, fazendo cair os princípios que conduziam a arte moderna.

Essa visão da arte abala toda a estrutura do sistema de arte, que vai além de formas, materiais ou técnicas.

Tais pontos lançam algumas regras que vão conduzir a arte conceitual. A participação do espectador na obra faz com que o mesmo assuma uma posição crítica e atuante em relação à obra e por isso foi estratégico o fortalecimento do binômio arte-política. Os artistas estavam preocupados em realizar uma crítica a um país tomado pela ditadura militar, instituída pelo golpe militar em 1964 (FAVARETTO, 1994).

O objeto da arte se espiritualiza e se confunde com a vida cotidiana, passando a ser um processo, uma ideia, um conceito, que, por se tratar de uma obra efêmera, requer o uso de recursos como filmes, vídeos, áudios, fotografias, para seu registro. Nascem assim, novas formas de produção artística, como

"os happenings, instalações, performances, body art, arte eletrônica, vídeo arte, internet art, arte postal" (AGOSTINETTI & CAVALCANTI, 2013, p. 12).

No final da década de 70, desponta na Itália um movimento de retorno aos suportes tradicionais, intitulado em um primeiro momento de "pintura", mas aclamado com o nome de Transvanguarda, originado pelo crítico Achille Bonito Oliva (AGOSTINETTI & CAVALCANTI, 2013, p. 12).

Entre os artistas deste período, no Brasil, pode-se mencionar: Antônio Manuel, Arthur Barrio, Cildo Meireles, Cláudio Paiva, Luiz Alphonsus e Umberto Costa Barros. Tais artistas arriscavam tudo, até a própria vida, visto que o Ato Institucional nº. 5 era muito radical e não poupava ninguém (AGOSTINETTI & CAVALCANTI, 2013).

Segundo Costa (2005), esse retorno à pintura ocorre no momento em que a ditadura militar estava começando a ruir, e seus artistas liberavam todas suas energias exprimindo um desejo de liberdade por tanto tempo oprimida. A retomada a pintura foi a tendência que prevaleceu durante o início dos anos 80 e teve o incentivo de Luiz Áquila e dos professores da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro. Em São Paulo, diversos de seus principais personagens, como Leda Catunda, Mônica Nador, Ana Maria Tavares, Leonilson e Sérgio Romangnolo, formaram-se na Fundação Armando Álvares Penteado, onde foram alunos de Regina Silveira, Julio Plaza e Nelson Leirner, herdando desses mestres uma incontestável carga conceitual e introduzindo apropriações e textos em suas produções.

Foi um período que deu ênfase a pintura, mas a exposição "Como vai você, Geração 80?", onde participaram 123 artistas apresentava também obras de escultura, cerâmica, gravura, valorizando a experimentação de materiais diversos (COSTA, 2005).

Ao analisar a arte contemporânea brasileira, observa-se que passou por diversas mudanças, tanto em recursos utilizados como nas linguagens. Atualmente, o artista pode fazer uso de qualquer tipo de material, técnica ou linguagem, sem precisar dizer "sou um pintor" ou "poeta" ou "dançarino", ele simplesmente é "um artista", que ocupa todas as formas de arte. Essa é uma das principais características da arte contemporânea, o hibridismo, que, conforme

Agostinetti e Cavalcanti (2013, p. 14), "é a impossibilidade de conceituar uma criação artística como pertencente a uma única vertente, categoria ou cultura, decorrente do ilimitado experimentalismo da arte contemporânea".

CONHECENDO LEDA CATUNDA

Leda Catunda Serra nasceu na cidade de São Paulo, no ano de 1961 e é considerada um dos maiores gênios artísticos que despontaram na década de 1980, fascinando e cativando todos com suas "pinturas moles", confeccionadas com tecidos pintados, sobrepostos, entrelaçados e recortados.

Conhecida por sua arte nada convencional, a artista explora as propriedades dos materiais que emprega em suas obras à procura do que ela mesma intitula de "poética da maciez". Catunda faz uso de materiais como o plástico, o tecido e a fórmica, e suas produções surgem brotam de procedimentos semelhantes aos da colagem: "tecidos ricos em texturas e de cores intensas são sobrepostos, entrelaçados, recortados e pintados" (PONTUAL, 1987, p. 32).

Diz Leda (apud ALZUGARAY, 2011, p. 03):

Gosto de pensar numa poética da maciez quando me refiro ao meu trabalho, considerando que são feitos de tecidos, são moles, projetam volumes macios e possuem formas orgânicas sendo geralmente arredondados. Acredito que a busca pelo conforto é uma característica natural das pessoas e que envolve assuntos relacionados ao gosto e demandas afetivas. É para isso que eu olho no mundo, para as escolhas que resultam soluções confortáveis que cada um desenvolve em torno de si na eleição de imagens, personagens, mitos e paisagens.

Logo no início de sua carreira, no ano de 1987, Aracy Amaral escreveu a seu respeito no catálogo da exposição Modernidade: arte brasileira no século XX, no Musée d'Art Moderne de la VIlle de Paris:

O frescor da jovem arte de Leda Catunda deve-se simultaneamente ao senso de humor inerente às suas peças, à concepção aparentemente juvenil - apesar da artista ter se formado numa escola de arte convencional de São Paulo - e às suas invenções fundadas no suporte de suas obras. De fato, a impressão que se tem é que Leda Catunda concebe suas composições ou assemblages a partir dos materiais que seleciona. Ou que é fascinada pelo suporte eleito e a partir dele realiza, como uma trouvaille, sua pintura incipiente porém plena de encanto no resultado final (apud PONTUAL, 1987, p. 31).

De acordo com o curador da Exposição Leda Catunda, na Estação Pinacoteca de São Paulo, em 2009, Ivo Mesquita, Catunda se sobressai devido à inventividade de suas obras.

Surgiu com a chamada "Geração 80", mas sempre marcou e continua marcando o seu lugar, apresentando um trabalho bem articulado conceitualmente, visto que traz uma bagagem e um conhecimento de toda a história da prática da pintura e a tradição que representa. Sua produção tem como princípio identificar esta história e procurar a perpetuação deste movimento. Antes de mais nada, a

pintura de Catunda é um pensamento a respeito da pintura (MESQUITA, 2012).

Ainda segundo o curador, a artista possui traços marcantes e inconfundíveis, não tornando necessário um discurso para poder identificá-los: basta apenas olhar. Ao contrário do que se vê atualmente nas pinturas, que é uma certa melancolia, algo um pouco desencantado, suas pinturas remetem à alegria, com um tom irônico, brincalhão, original e inventivo. São estas as qualidades que o curador associa à sua obra; um desejo de surpreender. Vale acrescentar, que sua pintura é pensada como a representação de um lugar ideal, uma utopia, e executada nesta busca de encontrá-lo.

Conforme Ribeiro (2009), Catunda criou uma pintura única, apenas sua e, ainda mais, inventou uma maneira exclusiva de fazer e pensar a pintura, como um processo, a partir de questões, temas, referências históricas e externas, apropriações, com colagem, assemblage, o que tornou o seu estilo único e inconfundível.

De acordo com Moreira (2013), um das principais características de Leda Catunda é o hibridismo de sua linguagem plástica, que está diretamente relacionado aos materiais que utiliza e à memória, visual e subjetiva, que atua como um referencial em seu repertório de imagens; associando as imagens próprias dos materiais e tecidos empregados na produção às imagens cotidianas, arquetípicas que fazem parte da memória coletiva e que adquirem um novo significado por meio da costura e da ação da tinta.

A partir da costura, Catunda agrega os materiais e constrói o que chama de "objetos moles", conforme menciona Leda em sua Tese de doutoramento (2002, p. 15), "Vale aqui observar o termo 'objeto mole' como designando o objeto feito com material mole, porém com uma função definida, diferente do tecido cortado da peça, disforme e a espera para ser transformado em algo.". Esta pintura-objeto por meio de tecidos, plásticos, toalhas, entre outros, são cobertos com tinta, ganhando assim um novo sentido, uma nova interpretação às imagens já existentes.

Na opinião de Mesquita (2012), não é fácil destacar apenas uma, dentre todas as suas obras. Assim, o curador destaca mais o processo de trabalho em si, que é a forma como a Catunda vai raciocinando e construindo a sua produção pela associação de componentes e técnicas de colagem e assemblage, fazendo uso de ilhoses, costurando aqui, juntando ali, amarrando, trançando.

Segundo Chiarelli (1998), no decorrer da década de 90, a obra de Catunda vem aprofundando essa sua reflexão tão peculiar a respeito da natureza da pintura.

Sem nunca deixar de lado a costura, a partir de seus "insetos", "barrigas", "gotas" e outros tipos de relevos pictóricos, Leda Catunda vem manifestando outras formulações para questões típicas do universo da pintura, sendo a principal dela, indubitavelmente, a relação figura/fundo, que ela explora essencialmente pelo seu apego a todas essas estruturas que se recusam indispensavelmente a permanecer nos limites plenos do plano bidimensional (CHIARELLI, 1998, p. 28).

Para Chiarelli (1998), nem mesmo em sua obra mais recente, onde o suporte quadrangular convencional da pintura de novo adquire força, a inquietude frente aos limites impostos pela tradição é questionada pelo recorte do plano e sua reconstrução parcial, por meio da costura ou de outros procedimentos semelhantes.

Trata-se de uma artista com o desejo de constituir uma obra que consiga se impor, pela qualidade e originalidade, no complexo universo da arte brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, foi possível perceber a natureza teatralizada e, por vezes, até performática da produção de Leda Catunda. Suas obras abrangem os sentidos e a corporeidade do espectador numa atmosfera de conforto e aconchego no seu universo macio.

Com relação aos objetivos pedagógicos deste trabalho, a intenção foi debater arte contemporânea na sala de aula tomando como fundamento os processos de criação de Leda Catunda com o intuito de permitir ao aluno a descoberta de sua própria linguagem plástica e experiência estética, promovendo também sua aproximação com a produção artística contemporânea.

A Arte Contemporânea está em franca evolução em todo o mundo, exigindo que a escola se adapte a esta realidade. E uma boa opção é trabalhar com a mesma em sala de aula, apresentando produções de artistas contemporâneos, como Leda Catunda, uma artista considerada como um dos maiores talentos artísticos da atualidade e que reinventou tudo que tocou com seu estilo único e inconfundível, desde a pintura figurativa à fotografia.

Catunda não tem receio de arriscar ou inovar, explora texturas, materiais industrializados e usados no cotidiano. Deste modo, rompe o hermético presente na arte, em ações que geram o processo criativo ao se apropriar de materiais populares, nem sempre nobres, como suportes para sua produção artística.

Neste sentido, analisando o objetivo principal desta pesquisa, ficou clara a contribuição de Leda Catunda para o cenário da arte no Brasil, que, juntamente com outros artistas, lançou a arte contemporânea no Brasil, sendo uma das mais inquietas artistas